

AS ORIGENS DO CAPITAL INDUSTRIAL NIPO-BRASILEIRO NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE PRUDENTE

Adriano Amaro de SOUSA¹

RESUMO: Neste artigo buscou-se detectar as origens do capital industrial nipo-brasileiro no município de Presidente Prudente, bem como apresentar a formação e desenvolvimento local das indústrias e dos industriais. Procurou-se, também, fazer um resgate histórico da industrialização prudentina via indústrias nipônicas locais. A história das indústrias nipo-brasileiras partiu de uma análise específica das indústrias de capital local. As empresas selecionadas para o estudo foram: Bebidas Astecas Ltda, Bebidas Funada Ltda, Bebidas Wilson Indústria e Comércio Ltda e Sakura Nakaya Alimentos Ltda. Buscou-se apresentar o histórico dessas quatro indústrias com objetivo de construir a trajetória do capital imigrante. Por fim, foi identificada a gênese do capital industrial nipo-prudentino como decorrência da metamorfose do capital agrícola e do capital comercial.

PALAVRAS-CHAVE: imigração japonesa; indústria nipo-prudentina; industrialização de Presidente Prudente/SP; desenvolvimento industrial de Presidente Prudente/SP; origem do capital industrial.

INTRODUÇÃO

A gênese do capital tem seu ponto de partida na teoria econômica de Marx. Está assentada na mais-valia² da seguinte forma: “o dinheiro converteu-se em capital, o capital em mais-valia e a mais-valia transformando-se em capital adicional” (MARX, 1964, p.11), fechando-se assim, o ciclo vicioso da acumulação do capital primitivo. A essência do capital primitivo está fundamentada na separação entre o produtor e os meios de produção. Em suma, a origem do capital industrial está fundamentada na exploração do trabalhador a outrem, sob a forma de salário. Todavia, “esta dolorosa, esta espantosa expropriação do povo trabalhador, eis as origens do capital, eis a gênese do capital” (MARX, 1964, p. 117).

¹ O autor é economista, graduado pelas Faculdades Integradas “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente.

² Deduzindo-se o custo das matérias-primas e do salário, o restante do valor da mercadoria constitui a mais-valia, na qual estão contidos todos os lucros (MARX, 1964, p.11).

A crítica de Marx sobre a origem do capital industrial está fundamentada sobre a abordagem do materialismo histórico-dialético. Esta metodologia rigorosa e radical não será utilizada neste artigo. O presente artigo está assentado nas discussões sobre o capital industrial nipo-brasileiro através da metodologia embasada na historiografia econômica brasileira.

Dentro desse contexto, surgiram algumas teorias e discussões sobre a origem do capital industrial nacional utilizada neste trabalho como base para iniciar as discussões sobre as origens do capital nipo-brasileiro, principalmente os trabalhos de Silva (1995) e Ianni (1989), que argumentaram que o capital industrial possui a sua origem na agricultura, nas pequenas unidades fabris imigrantes e no capital externo. Para identificar a gênese do capital industrial prudentino foi necessário utilizar o trabalho de Abreu (1972). É no contexto das idéias de Ianni e Abreu que, nesse trabalho, se relatou a contribuição nipônica nas atividades industriais no município de Presidente Prudente.

O objetivo nesse trabalho foi analisar as origens do capital industrial nipo-brasileiro do município de Presidente Prudente, bem como apresentar a formação e o desenvolvimento das indústrias e dos industriais através de estudos de caso das indústrias de médio porte cujos fundadores residem na cidade. Em suma, com os dados coletados procurou-se construir o perfil geral das indústrias nipônicas locais, apontando suas principais características (histórico de vida, de trabalho, de criação, de administração, de desenvolvimento e tecnologia), tendo como tema central a origem do capital nipo-brasileiro no município de Presidente Prudente.

1 A IMIGRAÇÃO JAPONESA PARA O BRASIL

A imigração japonesa para o Brasil foi iniciada oficialmente a partir de 1908. Em virtude da recente abolição da escravidão, e diante das dificuldades crescentes com a imigração européia, optou-se por trazer os japoneses, somente como mão-de-obra assalariada para as lavouras de café. Os japoneses, por outro lado, viam neste país esperanças de fazer fortuna e depois voltar. Imaginavam vir a ser donos de suas propriedades. Não se imaginavam como mão-de-obra barata. No início do século XX, o Brasil como país receptor, propiciou incentivos à imigração, subsidiando-lhe o transporte, enquanto outras nações, como os Estados Unidos, impunham restrições de caráter social, político e econômico à imigração japonesa (SANTOS, 1998, p.14).

A primeira tentativa da imigração japonesa para o Brasil inicia-se em 1895 com o Tratado de Amizade, Comércio e

Navegação entre o Brasil e o Japão. Essas relações bilaterais somente se concretizaram em 1906 e 1907, quando o governo japonês firma com o governo do Estado de São Paulo a imigração de 3.000 pessoas por ano a partir de 1908.

No dia vinte e quatro de abril de 1908, partem do porto de Kobe os primeiros imigrantes japoneses no Navio Kasato Maru com destino ao Brasil. Vieram, no total, 781 pessoas contratadas e 12 imigrantes livres, que foram recrutados no Japão pela empresa Kokoku Shokim. Essa primeira leva de imigrantes desembarcou no porto de Santos no dia dezoito de junho, sendo levados, para a hospedaria do imigrante e, posteriormente, encaminhados para as fazendas de café, no interior do Estado de São Paulo. Os primeiros imigrantes foram destinados à fazenda Floresta, em Itu; Dumont, em Ribeirão Preto; Quatapará em Ribeirão Preto e Araraquara; São Martinho, na cidade de São Manoel.

Segundo Saito (1961, p. 39), "o primeiro período foi de 1908-1925, fase de tentativas e experiências, em que os imigrantes foram subsidiados, principalmente, pelo governo do Estado de São Paulo, com o fito de abastecer o mercado deficitário de braços na lavoura cafeeira". O número de imigrantes japoneses que entrou no país foi extremamente irregular nesse período de 1908-1925.

A partir de 1926, começa a vinda de japoneses com viagem subvencionada pelo governo japonês, atingindo a corrente imigratória seu máximo por volta de 1933-1934. Nessa fase, juntamente com o imigrante, vem também o capital japonês que permite a instalação do japonês como proprietário. (FAUSTO, 1990, p. 106)

No segundo período, que se estende de 1926-1935, a corrente imigratória japonesa atingiu o seu auge, em virtude do subsídio concedido pelo governo japonês para os imigrantes. A partir de 1935, porém, começa novamente a diminuir a entrada de imigrantes japoneses no Brasil devido ao regime de cotas⁶ e à

⁶ O Projeto de Regime de Cotas foi aprovado em 1934, e consistia na limitação da entrada de japoneses no país em 2.771 pessoas por ano. (SAITO, 1961, p. 37)

Segunda Guerra Mundial, culminando na interrupção total do fluxo de imigrantes para o país⁷.

De 1926 a 1941 ocorreu a intensificação dos investimentos japoneses no país, destinados à colonização, produção de matérias-primas e aos setores comercial e industrial⁸. Assim, o Brasil tornou-se um dos principais países a receber investimentos de empresas japonesas.

Segundo ENNES (2001, p. 52), em suma, pode-se dividir a história da imigração japonesa no Brasil em três momentos: o que corresponde aos primeiros anos de vida no Brasil, caracterizado por uma estratégia de trabalho temporário e de curta duração; a que corresponde a umas fases posteriores, marcadas pelas mudanças quanto ao tempo de permanência no Brasil, conhecida como estratégia de trabalho temporário de longa duração; e pôr fim, o momento correspondente à fixação permanente no Brasil que pode ser caracterizado como a fase em que os imigrantes japoneses encontram a sua fixação no Oeste Paulista mais precisamente no município de Presidente Prudente/SP, como se pode verificar com mais detalhes na seção 4 adiante. Antes, porém, uma caracterização do processo de industrialização da economia brasileira tornou-se necessária a fim de subsidiar o entendimento do seu processo de desenvolvimento, que refletiu em efeitos na conformação do desenvolvimento da economia de Presidente Prudente.

2 O PANORAMA DA INDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL

2.1 As origens das indústrias no Brasil⁹

O processo de industrialização começou no Brasil concomitantemente em quase todas as regiões. Foi no Nordeste que se instalaram, após a reforma tarifária de 1844, as primeiras manufatureiras têxteis modernas e, ainda em 1910, o número de operários têxteis dessa região se

⁷ SANTOS, Antônio Edmundo. A modernização populacional e a colônia japonesa no município de Martinópolis. FTC/Unesp. Presidente Prudente, p. 20, 1988.

⁸ Idem (SANTOS 1998, p. 21)

⁹ A discussão sobre a origem da indústria no Brasil será analisada sob a ótica e interpretação de Suzigan (1986) em virtude dos seus estudos sobre a origem da indústria brasileira.

assemelhava ao de São Paulo. Entretanto, superada a primeira etapa de ensaios, o processo de industrialização tendeu naturalmente a concentrar-se nessa região. A etapa decisiva de concentração ocorreu, aparentemente, durante a Primeira Guerra Mundial, época em que teve lugar a primeira fase de aceleração do desenvolvimento industrial. (FURTADO *apud* SZMERCSENYI, 2002, p. 5)

A concentração industrial no Brasil, tem início a partir de 1860-1880 no Estado de São Paulo, basicamente pela expansão da economia exportadora de café.

Segundo Suzigan (1986, p. 45), a gênese do capital industrial nacional ocorreu nesse período (1880-1929) durante o ciclo de expansão das exportações de café, esse funcionando como o motor primário da acumulação de capital.

Para o autor, há quatro interpretações principais a respeito do desenvolvimento industrial brasileiro a partir de uma base agrícola exportadora: a) a teoria dos choques adversos; b) a industrialização liderada pela expansão das exportações; c) o desenvolvimento do capitalismo tardio brasileiro; d) a industrialização promovida pelo governo.

Em suma, esse período é considerado, industrialização artificial¹⁰, deu-se na década de 1920, quando a economia agrário-exportadora fez surgir um capital constante que se dirigiu para a atividade industrial e com a instalação desse modo de produção fez com que o capital adquirisse certa autonomia, rompendo assim, com o padrão mercantil-exportador.

2.2 A industrialização brasileira (1930-55)

A industrialização brasileira no período de 1930-55, deu-se pela predominância dos interesses da burguesia industrial defendida pelo Estado. Contudo, a industrialização nessa fase ocorreu devido à ruptura com a burguesia agrário-exportadora e ao surgimento de um novo padrão de acumulação voltado para economia interna (substituição de importações).

¹⁰ AURELIANO, Liana. No limiar da industrialização. 2. ed. Campinas: Unicamp.IE, p. 96, 1999.

Veja o exemplo, conforme Cano (1998), sobre a mudança do padrão de acumulação de capital no período da Depressão de 30.

[...] no período de 1929/33 se altera o caráter principal do antigo padrão de acumulação (o modelo “primário-exportador” ou “o desenvolvimento para fora”). Ou seja: a dominação que as exportações exerciam sobre a determinação do nível e ritmo da atividade econômica do país passaria a segundo plano. A partir desse momento, seria a indústria o principal determinante do nível de atividade. No dizer de Furtado, dar-se-ia o deslocamento do centro dinâmico da economia nacional (CANO, 1998, p.172).

Com a crise do setor agrário-exportador foi necessário investir na industrialização para superar os impactos provocados pelos choques adversos. Por isso o desenvolvimento desse período é voltado para dentro, tendo como o principal objetivo “substituir as importações”. Entretanto, somente em 1933, convencionou-se chamar esse movimento de industrialização restringida¹¹. A partir dessa fase, o Brasil não teve mais a sua acumulação baseada no capital primitivo.

Em síntese, de acordo com Fernandes (1975) *apud* Dundes (1998 p. 37), depois da revolução de 1930, a decisão interna em favor do impulso externo ao desenvolvimento do capitalismo monopolista, aos poucos foi tornando-se mais nítida. No fim da década de 50, fixa-se em favor ao desenvolvimento da industrialização. Mas foi sobretudo a partir do golpe militar em 1964 que essa decisão interna tornou-se o principal dinamismo político de todo o processo de desenvolvimento do capitalismo monopolista no Brasil.

A industrialização no Estado de São Paulo, em grande parte expandiu-se em favor das grandes empresas de capitais externos, neste período. É sob essa ótica que se vai iniciar a próxima seção, em virtude do fato de que o surto industrial no município de Presidente Prudente originou-se das empresas beneficiadoras de produtos primários, eminentemente formadas por capitais externos à localidade.

¹¹ AURELIANO, Liana. No limiar da industrialização. 2. ed. Campinas: Unicamp.IE, p. 97, 1999.

2.3 A industrialização no município de Presidente Prudente/SP

A industrialização no município de Presidente Prudente originou-se na década de 30. Segundo Dundes (1998, p. 64), no mesmo instante que se inicia a fase da policultura, inicia-se a história da indústria local com a instalação de empresas “estrangeiras” para o beneficiamento e processamento da grande produção do algodão e de amendoim na região de Presidente Prudente. O aumento da demanda externa por esses produtos foi condicionando pela situação imposta pela Segunda Guerra Mundial.

Antes do surto de industrialização no município, ocorreram fixações de estabelecimentos de indústrias de pequeno porte no período de 1929-1937. Os setores que atuavam naquela época eram os seguintes: fábricas de bebidas, matadouros, atividades artesanais (fábricas de sapatos), fábricas de gelo, etc, todas originando-se de capitais modestos de seus fundadores. Abreu (1972 p. 64), considera esse período de industrialização tímida, sendo, portanto, necessária à complementação de subsídios de outras atividades.

O desenvolvimento da industrialização prudentina se estendeu no período de 1930-2000 e pode ser classificado em duas fases: a primeira considerada a industrialização com base em capital externo e, a segunda, a industrialização via capital local.

A industrialização prudentina com base em capital externo originou-se de indústrias estrangeiras que se instalaram no município e na região de Presidente Prudente. Os ciclos de expansão e declínio de cada indústria dependiam do tipo de setor em que elas atuavam - os principais ciclos de desenvolvimento da industrialização são definidos em três fases: a) as industriais beneficiadoras¹² (período de 1937-1983); b) as indústrias frigoríficas¹³ (período 1960-1991), e a última; c) as

¹² Leite (1972) apud Dundes (1998, p. 101) - Usinas ou depósitos na Alta Sorocabana: Anderson Clayton S/A, Continental Gin Co S/A, Matarazzo S/A, Mac Fadden e Cia, Sanbra S/A, Esteves e Irmãos, Cooperativa Agrícola Cotia, Braswey S/A, Lótus, Algodoeira do Sul, etc.

¹³ As indústrias que se instalaram na região de Presidente Prudente na década de 60, conforme Dundes (1998 p. 108), foram: o Frigorífico Bordon (1960), Presidente Prudente; o Frigorífico Kaiowa (1965), Presidente Venceslau; o Frigorífico Prudentino (1966), Presidente Prudente; Frigorífico Luziari (posteriormente) Frigorífico Prudente (1981), Presidente Prudente; o Curtume Scarbord em (1974); e o Curtume Touro (1978), ambos localizados em Presidente Prudente.

Indústrias BORDON e CICA¹⁴.

O início da década de 90 é marcado pelo fechamento das últimas agroindústrias de grande porte, de capital externo, encerrando pelo menos temporariamente o ciclo agroindustrial em Presidente Prudente¹⁵.

A industrialização com base em capital local “originou-se dessas 13 indústrias locais¹⁶: Bebidas Wilson Ind. e Com. Ltda (1945), Irmãos Crepaldi Cia Ltda (1946), Bebidas Funada Ltda (1947), Bebidas Asteca Ltda (1948), Pastifício Liane Ltda (1963), Vicente Furlaneto Cia Ltda (1964), Dicoplast S/A (1966), Goydo Implementos Rodoviários (1966), Regina Ind. e Com. Ltda (1971), Staner Eletrônica Ltda (1973), Curtume Touro (1978), Calçado Touro (1981), e Prudenfrigo Ltda (1988). A escolha dessas indústrias deu-se pela importância histórica que possuem”. A indústria de capital local tem os seus primórdios na década de 1940, sendo constituída por pequenas unidades fabris de imigrantes. Estas indústrias começaram a se destacar a nível local e regional no início da década de 1970, com o fechamento de quase 50% das indústrias de beneficiamento na região. A partir da década de 80 essas indústrias começaram a atuar no mercado nacional e internacional. Na década de 90, o setor secundário prudentino era composto única e exclusivamente por indústrias de capital local.

Em suma, esses dois tipos de indústrias (externo e local) compõem a história da industrialização no município de Presidente Prudente. A contribuição de ambas foi importante para o crescimento e desenvolvimento da cidade. O desenvolvimento da indústria de capital externo contribuiu de forma ímpar para a expansão do setor secundário na cidade, mas a sua saída provocou graves conseqüências como a desarticulação entre campo e cidade. Já as indústrias de capital local contribuíram com o desenvolvimento da cidade, ao longo da história, paulatinamente, conforme as suas possibilidades, destacando-se como principais características: a) foram constituídas de modestas quantias monetárias; b) atuam no seguimento das indústrias de bens de consumo não duráveis (alimentícios, bebidas, frigoríficos,

¹⁴ As indústrias CICA e BORDON instalaram-se no município de Presidente Prudente em meados da década de 1960 e década de 1990. Conforme Dundes (1998), “trouxeram o desenvolvimento econômico para a região, e o seu fechamento provocou novamente uma desestruturação interna entre campo e cidade”.

¹⁵ DUNDES, Ana Claudia. O processo de (des) industrialização e o discurso desenvolvimentista em Presidente Prudente. Presidente Prudente: FCT/Unesp, 1998.

¹⁶ DUNDES (1998, p. 120) – Histórico das principais indústrias de Presidente Prudente.

curtumes). Entretanto, o desenvolvimento industrial prudentino não atingiu o seu ápice devido à desarticulação entre o setor secundário e o poder público, verificando-se o descaso das autoridades competentes locais quanto ao desenvolvimento da economia da mesma. Portanto, é necessário que as autoridades competentes articulem e fomentem o desenvolvimento do setor secundário interno para que se possa pensar na expansão do setor industrial local no longo prazo.

Na seção que se segue, partiu-se de uma análise específica das indústrias de capital local, com o objetivo de traçar a história das indústrias nipo-brasileiras no município de Presidente Prudente.

3 A HISTÓRIA DAS INDÚSTRIAS NIPO-BRASILEIRAS NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE PRUDENTE

Para a exposição sobre a história das indústrias nipo-brasileiras, partiu-se de uma análise específica das indústrias de origem local. As empresas selecionadas foram: Bebidas Asteca Ltda, Bebidas Funada Ltda, Bebidas Wilson Indústria e Comércio Ltda e Sakura Nakaya Alimentos Ltda, de acordo com os seguintes critérios: a) início das atividades industriais na década de 40; b) os fundadores (sócios) terem residência em Presidente Prudente; e c) serem indústrias de médio a grande porte. Essas empresas são consideradas tradicionalíssimas e pioneiras do setor secundário na cidade, e foram fundadas antes da década de 50.

Apresenta-se, no próximo item, o histórico dessas quatro indústrias com o intuito de construir a trajetória da origem do capital imigrante.

3.1 Histórico da Indústria Bebidas Wilson

O fundador da indústria Bebidas Wilson, o Sr. Motoichi Oki, nasceu em 01/04/1919 na cidade de Osaka no Japão. Desembarcou no Brasil no ano de 1934, com apenas 15 anos de idade acompanhado de seus pais e avós.

Na década de 30, dirigiu-se para as fazendas de café na região de Ribeirão Preto/SP, onde trabalhou por volta de 6 anos na atividade agrícola. Posteriormente, mudou-se para a região da Alta Sorocabana, fixando-se no município de Álvares Machado/SP continuando as suas atividades agrícolas.

No ano de 1942 o Sr. Motoichi Oki¹⁷ comprou uma pensão na cidade de Presidente Prudente/SP. Depois de 8 anos de trabalho na agricultura, o fundador conseguiu acumular um capital e adquiriu o seu próprio negócio aos 23 anos de idade. Contudo, após 3 anos nessa atividade, Motoichi vendeu o pensionato para comprar uma fábrica de bebidas. É em 1945, que o fundador, juntamente com mais três sócios, comprou a pequena indústria de bebidas - denominada "Destilaria Wilson".

O desenvolvimento da tecnologia na fábrica começa na década de 50 com modernização e ampliação da indústria, com a aquisição das máquinas enchedoras e lavadoras automáticas.

Na década de 70, a indústria novamente mudou seu maquinário por outras máquinas mais avançadas da época (enchedoras, tampadoras e rotuladoras), aumentando assim, à produtividade. Visando em atender as necessidades do mercado e da própria empresa, em 1978, a Bebidas Wilson deu início a um novo ciclo, redirecionando suas atividades para o início da produção de alimentos. É nesta fase que a empresa começa a vender seus produtos para outros Estados do Brasil (MG, BA, GO, CE, MT, AC, RM, etc).

Em 1988, a indústria construiu uma nova unidade, a 15 km de Presidente Prudente no município de Regente Feijó. A sua produção está voltada somente para a fabricação de produtos alimentares, como: molhos de tomate, *catchup*, mostarda, achocolatados, sucos, etc.

Atualmente, a indústria conta com duas unidades industriais. A primeira situada no local da fundação (Vila Marcondes), com área construída de 6.000 m², onde estão a fábrica de bebidas, estocagem, a área administrativa e desenvolvimento de produtos. Nessa unidade são fabricados os xaropes, batidas, licores, vinhos compostos, conhaque e amargos. A segunda unidade ocupa uma área aproximada de 37 hectares, localizados na Rodovia Raposo Tavares, no município vizinho de Regente Feijó. Nessa unidade são processados os derivados de tomate como o extrato de tomate, molhos refogados, molhos cremosos, mostarda, molho de pimenta, shoyu, refrescos em pó e achocolatados.

3.2 Histórico da Indústria de Bebidas Funada

¹⁷ Domingos Hiroto, diretor geral da indústria de Bebidas Wilson, genro do sr. Motoichi Oki (o fundador) – Entrevista em 03/09/2002.

O fundador da Indústria de Bebidas Funada, Mappei Funada, deixou o Japão em dezembro de 1931, rumo ao Brasil. Em 14 de janeiro de 1932, desembarcou do navio Monteideu-Marú em companhia de sua esposa Kimi Funada e dos filhos, no Brasil.

Chegando, dirigiram-se, como colonos da fazenda Santo Antônio, em São José do Rio Pardo/SP. Depois de 2 anos foram como arrendatários para a colônia de Guachos, na cidade de Martinópolis/SP. Quatro anos depois, estabeleceram-se como proprietários na colônia Pacífica, em Caiabu, com uma área de 10 alqueires.

Em 1942, a família Funada, com seus 9 filhos, deixou as atividades rurais e fixou-se em Presidente Prudente como comerciante de uma sorveteria¹⁸, na atual avenida Cel. Marcondes, esquina com a rua Rui Barbosa.

No dia 15 de setembro de 1947, o sr Mappei Funada iniciou a sua atividade industrial, com a fundação de uma fábrica de bebidas denominada "Funada & Filho", com a participação dos filhos Motoharu e Yoshiyuki. A linha de produtos da indústria, à época, incluía: guaraná, soda limonada, água tônica, xaropes, conhaque, água ardente, quinado, raiz amarga e vinagre.

A partir de 1952, a empresa passa a ser denominada "Indústria e Comércio de Bebidas Funada Ltda", quando a fábrica adquiriu uma máquina semi-automática, de origem francesa, da marca Moder Bond, e uma lavadora de garrafas Naschold, com capacidade produtiva de 800 garrafas por hora.

Em 1962, a indústria Funada passou a fabricar somente refrigerante. No ano de 1972, a indústria começa a exportar para a Bolívia. Em 1977, incorporou mais um conjunto de máquinas totalmente automático, da marca Holstein-Kappert, com capacidade para 20.000 garrafas por hora.

No ano de 1978, a empresa estabeleceu um contrato de franquia com a Brahma e passou a produzir e engarrafar toda a sua linha de refrigerantes. Em 1983, a indústria firmou um contrato com a Skol, produzindo também seus refrigerantes.

A partir de 1986, inauguram-se novas instalações da Funada em terreno próprio de 48.000 m². A capacidade instalada passa para 30.000 garrafas por hora. Nesta fase, o aumento da produção deu-se pela aquisição de um novo conjunto de máquinas (esteiras, lavador, transportador, enchedor, arrolhador e rotulador de garrafas).

¹⁸ Marcos Funada, diretor financeiro da Indústria de Bebidas Funada, neto do sr. Mappei Funada (o fundador) - Entrevista em 06/09/2002

Na década de 90, ocorreu uma nova ampliação com a aquisição de novos equipamentos de tecnologia alemã das marca Krones e San Martin levando a produção para 60.000 garrafas.

Atualmente, a “Indústria de Bebidas Funada” vende os seus produtos principalmente para de Estados de São Paulo, Paraná, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, etc. Desde a década de 70, a empresa vem exportando seus produtos para a Bolívia e o Paraguai. Como se pode verificar a empresa conquistou uma parcela significativa do mercado nesses 55 anos de fundação e conta com uma linha de produção dividida em duas etapas: linhas de produtos próprios e linhas de produtos da Brahma. A empresa é constituída de por um grupo de empresas coligadas: a Transportadora Mérito Ltda, a Distribuidora de Bebidas Mérito Ltda, a Fazenda Mappei, a Estância Funada, a Fazenda Iepê e o Sítio São Paulo.

3.3 Histórico da Indústria de Bebidas Asteca

O fundador da Indústria de Bebidas Asteca, sr. Keniti Fukuhara, nasceu no dia 07/02/1898 na Província de Fukuoka no Japão. Desembarcou no Brasil, com apenas 14 anos de idade, no navio Wakassa-Maru no porto de Santos na companhia do seu irmão e da cunhada.

Após o desembarque foram para a cidade de Alvarenga na região Mogiana, depois para Ribeirão Preto/SP, na fazenda Fernão, e Conquista/MG no Triângulo Mineiro. Desde a chegada, o sr. Fukuhara trabalhou na agricultura, nos plantios de café, arroz e milho. Mais tarde, em Sacramento, no Estado de Minas Gerais, arrendaram, juntamente com outras três famílias 80, alqueires de terra para cultivar arroz e milho.

Passando o período de arrendamento, voltaram para o Estado de São Paulo, em Rio Claro/SP e, posteriormente, deslocaram-se para Santo Anastácio/SP município próximo á cidade de Presidente Prudente. No entanto, o sr. Keniti chega à região da Alta Sorocabana sozinho, pois seu irmão e a sua cunhada retornaram ao Japão.

No período de 1936-1942, o sr. Keniti mudou-se para o município de Presidente Bernardes/SP, dedicando-se, ao ramo de padaria e confeitaria. Depois de 6 anos atuando neste setor, o fundador ingressou na área industrial da fabricação de mentol (1942-1948), sendo um dos pioneiros nessa produção na América Latina.

A partir de 1948, o sr. Keneti transferiu-se para a cidade de Presidente Prudente. à época, Fukuhara convidou o seu cunhado Massami Honda¹⁹ (também oriundo do Japão), para constituírem uma fábrica de bebidas. Contudo, adquiriram a Destilaria Bardini, da família Abid Tannus, em Presidente Prudente.

No dia 28 de junho de 1948, Keneti Fukuhara e Massami Honda mudaram a razão social da empresa para Fukuhara Honda & Cia Ltda. Eles fabricavam, exclusivamente, bebidas (vermut, quinado, amargos e aperitivos com a marca Paulista). Pouco tempo depois, a marca ganhou o nome de Asteca. Em 1957, iniciaram a fabricação do molho de soja shoyu com a marca Hinomoto e mais tarde o molho de pimenta e molho inglês.

Em 1966, criaram uma nova empresa: a Transportadora Andes, para a distribuição dos produtos. Com o tempo, a produção foi deixando de ser artesanal. Nesta fase, os filhos dos fundadores tiveram uma importante participação no processo de modernização.

No ano de 1992, foi iniciada a construção de uma nova fábrica no distrito industrial de Presidente Prudente²⁰, cuja área era de 21.000 m² e a área de construção era de 7.500 m².

Atualmente, a Bebidas Asteca possui uma linha de produtos bastante diversificada. A produção é totalmente automatizada, inclusive com máquinas importadas. Para a distribuição dos seus produtos, possui uma frota de caminhões próprios e contrata serviços de terceiros.

3.4 Histórico da Indústria Sakura Nakaya Alimentos

O sr. Hidekazu Nakaya nasceu dia 13/01/1904 no Japão. Chegou ao Brasil em 1932. Desembarcou no porto de Santos com a sua esposa Tomi Nakaya e os Filhos, juntamente com os seus pais e irmãos. Vieram para trabalhar na lavoura de café na cidade de Promissão/SP.

¹⁹ O sr. Massami Honda , é o outro fundador da atual Indústria de Bebidas Asteca, nasceu na província de Kumamoto-Kem no dia 10 de agosto de 1917. Com os pais Tesujiro Honda e Yone Honda, o avô Kameitiro Honda e o tio Seizo Honda, Massami chegou ao Brasil em 1930. A família instalou-se no município de Santo Anastácio/SP, no sítio Lage, onde trabalhavam na lavoura.

²⁰ Kazuo Fukuhara, diretor geral da Indústria de Bebidas Asteca, filho do sr. Keneti Fukuhara (o fundador) – Entrevista em 30/08/2002.

No final da década de 30, o irmão do sr. Hidekazu Nakaya, o sr. Suekichi Nakaya, deixa a fazenda de café e muda-se para a cidade de São Paulo, iniciando a sua produção de shoyu (molho de soja). No começo da década de 40, a indústria é registrada com a razão social "S. Nakaya e Cia.". Em 1947, a marca Sakura Nakaya Alimentos Ltda, foi registrada.

Entretanto, o irmão do Sr. Suekichi Nakaya continuou trabalhando na fazenda de café, no bairro Antinha em Promissão/SP, permanecendo nesta atividade durante 15 anos. Em 1947, transferiu-se para cidade de Presidente Prudente, com o objetivo de iniciar a sua produção artesanal de Shoyu, em sua residência, com a expectativa de vender esse produto para a colônia japonesa da região.

Em 1950, o fundador da unidade de Presidente Prudente decidiu investir e industrializar o seu produto. Nessa fase, a fábrica é registrada com a razão social Hidekazu Nakaya Companhia Ltda, e começa a realizar a sua produção de molho com a marca Cereja em escala comercial, utilizando-se das técnicas desenvolvidas por ele, na sua produção artesanal.

Para o sr. Hidekazu, a principal dificuldade no início das atividades, era a matéria-prima (de se encontrar trigo), que junto com a soja é uma das matérias-primas básicas de produção. Na década de 50, o fundador lançou-se a um incansável desenvolvimento artesanal de métodos e composições. Por fim, chegou à fórmula ideal para as condições da época, substituindo o trigo pelo milho em grão (uma adaptação tradicional da receita oriental do molho de soja às condições brasileiras).

Em 1976, ocorreu a fusão das duas unidades. No início da década de 80, a Sakura ampliou suas vendas atendendo a todas as outras regiões do país. Nesse período, teve início um relacionamento com indústrias similares do Japão cujo intercâmbio permitiu à Sakura dominar uma série de tecnologias, que vieram completar o processo produtivo.

Na década de 80, a Sakura construiu uma nova unidade na cidade de Boituva/SP, e também consolidando e ampliando a unidade de São Paulo/SP e de Presidente Prudente. A renovação dos equipamentos e processos produtivos tem sido constante com o objetivo de manter a empresa competitiva em nível mundial. Nos anos 90, passou a produzir para outras empresas do setor, tornando-se, então, um dos maiores fabricantes de molhos alimentícios do país, dentro do seu segmento.

Atualmente, a Sakura detém 85% do mercado brasileiro e 80% do mercado paulista no segmento de molhos e condimentos típicos da culinária nipônica. A indústria possui 4 unidades (São

Paulo/SP, Presidente Prudente/SP, Boituva/SP e Extrema/MG). A unidade de Presidente Prudente fábrica os produtos da marca Cereja, Cereja Export, Cereja Tradicional e Ussu-Shoyu. Essa unidade representa 10% do total da produção física da indústria Sakura Nakaya Alimentos Ltda²¹.

Em suma, as histórias desses imigrantes nipônicos são semelhantes. Todos vieram para o Brasil despossuídos de qualquer quantia monetária, acumularam o seu capital no árduo trabalho na lavoura. Posteriormente, passaram para o comércio e tempos depois adquiriram sua pequena unidade fabril. Essas quatro unidades de produção atuam no mesmo segmento de bebidas e molhos e são concorrentes entre si, exceto a Indústria de Bebidas Funada que produz refrigerantes - um produto diferenciado daqueles das outras três indústrias. Das quatro indústrias nipo-brasileiras, apenas três podem ser consideradas de capital local. Já a Indústria Sakura Alimentos, após 1976, deixou de ser capital local devido à fusão da unidade prudentina com a indústria do Sr. Suekichi Nakaya, passando, assim, a ser uma simples filial.

4 AS ORIGENS DO CAPITAL NIPO-BRASILEIRO NO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE PRUDENTE

A análise da origem do capital industrial brasileiro nesta seção, é feita partir da perspectiva de interpretações dos autores Silva (1995) e Ianni (1989).

Segundo Silva (1995, p. 17), a economia cafeeira foi o principal centro de acumulação de capital no Brasil. É na região do café que o desenvolvimento das relações capitalistas é mais acelerado e é aí que se encontra a maior parte das indústrias nascentes.

Ianni (1989, p. 31-32), afirma que o nascimento da indústria nacional, no âmbito de uma economia predominantemente agro-exportadora, se deu através de três tipos de empreendimentos: a) a indústria seria aquela proveniente das aplicações de capitais de cafeicultores; b) as indústrias originaram-se das empresas fabris fundadas pelos imigrantes e por último; c) as indústrias provenientes de capitais externos.

Essas duas teorias sobre a origem do capital no Brasil, definem o padrão de acumulação de capital da época. A primeira teoria afirma que o capital agrário (café) dinamizou o processo de desenvolvimento das indústrias. A outra teoria, argumenta que o

²¹ Ricardo Nakaya, diretor geral da unidade de Presidente Prudente, neto do sr. Hidekazu (o fundador) – Entrevista em 23/08/2002

capital no período agrícola exportador passou por três fases, e deu origem a outras vertentes sobre a origem do capital.

Para se entender as origens dessas teorias é necessário compreender a origem da burguesia industrial no Brasil. Dentro dessa perspectiva há duas interpretações: a) a burguesia industrial nascente das classes médias brasileiras e b) a burguesia industrial nascente das classes médias burguesas da Europa.

A burguesia industrial nascente das classes médias brasileiras originou-se da economia agrário-exportadora e do núcleo de imigrantes europeus no século XIX . Esses imigrantes vieram para o Brasil desprovidos de capital e, com o seu trabalho no campo acumularam uma certa quantia monetária e montaram a sua pequena indústria.

Analisando-se o tipo dos industriais brasileiros, observa-se que boa parte deles se constituiu de indivíduos de origem modesta que, estabelecendo-se com empreendimentos a princípio insignificantes, conseguiram graças aos grandes lucros dos momentos de prosperidade e um padrão de vida recalcado para um mínimo essencial à subsistência, ir acumulando os fundos necessários para ampliarem suas empresas. Este será o caso, em particular, de imigrantes estrangeiros colocados em situação social que lhes permitia tal regime de vida. Efetivamente a maior parte da indústria brasileira encontrou-se logo nas mãos de adventício de recente data ou seus sucessores imediatos – Matarazzo, Crespi, Jaffet, Pereira Ignácio, etc. (PRADO JÚNIOR., 1973, p. 265)

Várias indústrias bem sucedidas no século XX fizeram parte desse processo árduo de acumulação de capitais, onde grande parte era de pequenos industriais. Expandiram-se em virtude, da conjuntura da época que era propícia mas, sobretudo da acumulação privada dos lucros obtidos das atividades industriais. Contudo, há outros teóricos que criticam essa visão, afirmando que a origem da burguesia nacional adveio das classes médias européias e não das classes médias brasileiras.

Os dados biográficos que se possuem revelam que quase todos, em suas pátrias, haviam morado em cidades, pertenciam a famílias da classe média e possuíam instrução técnica, ou, pelo menos, certa experiência no comércio ou na

manufatura. Muitos chegaram com alguma forma de capital: economia de algum negócio realizado na Europa, um estoque de mercadorias, ou a intenção de instalar filial da sua firma. Outros haviam sido contratados para trabalhar em empresas de propriedades de fazendeiros, à semelhança dos colonos e dos operários têxteis, mas como técnicos ou administradores..., em geral os burgueses imigrantes chegaram à São Paulo com recursos que os colocavam muito à frente dos demais praticamente estabeleceram uma estrutura de classe pré-fabricada. (DEAN, 1971, p.59)

Entretanto, a partir dessa ótica, a burguesia industrial das classes médias européias, possui uma boa bagagem de conhecimento e tecnologia superior às das classes médias burguesas nacionais, sem considerar que vários deles imigraram para o Brasil capitalizados e com o objetivo de instalar suas fábricas aqui no Brasil.

A burguesia industrial nascente tinha como base o processo de acumulação nas pequenas indústrias. Contudo, com a chegada da burguesia européia, o comércio passa a ser também o centro de acumulação de capital, a partir de 1880.

Em suma, o capital industrial nacional, segundo as interpretações de Silva (1995) e Ianni (1989), originou-se na agricultura, nas indústrias fabris imigrantes e no capital externo. A consolidação deste capital ocorreu no período de 1880 à 1930.

A análise da origem do capital industrial prudentino deu-se segundo à interpretação desses três autores: Abreu (1972), Leite (1972) e Dundes (1998).

Abreu (1972, p. 141), afirma que estas pequenas indústrias surgiram pelas iniciativas de pessoas que não tinham condições financeiras para trabalhar com a agricultura, devido ao preço da terra. Foi o pequeno capital local que deu origem a essas atividades que, no entanto, seja por falta de capital, seja por falta de tecnologia, não conseguiram competir com as indústrias externas, tanto em função do preço como em função da qualidade dos produtos. Assim, em muitos casos acabaram não dando certo.

As indústrias de capital externo têm o seu auge no beneficiamento da cultura do algodão. Para Leite (1972, p. 41), o algodão motivou a instalação de poderosas indústrias de desencaroçamento ou moagem do grão em várias cidades. Geralmente, essas primeiras usinas eram estrangeiras, mormente norte-americanas.

O desenvolvimento da indústria prudentina originou-se das indústrias de capital local. Essas indústrias mais antigas, cujos proprietários eram imigrantes, foram importantíssimas para o desenvolvimento do setor. Veja conforme nas palavras de Dundes (1998).

É necessário salientar que a influência direta do imigrante, na origem da indústria prudentina, limitou-se estritamente às mais antigas: as indústrias de bebidas por exemplo, foram fundadas na década de 40 por imigrantes japoneses, e ainda hoje continuam sob o comando da família de seus fundadores; já outras indústrias, como o Curtume Crepaldi e fábrica de calçados Furlanetto, foram fundadas por descendentes de imigrantes italianos. É inegável, portanto, a importância dos imigrantes, especialmente japoneses, na constituição de algumas das fábricas locais de bebidas e molhos (principalmente o molho de soja, destinado ao atendimento da colônia local). A presença do imigrante japonês, neste caso foi condicionante para a existência de tais indústrias; entretanto, a longevidade e o sucesso empresarial não são conquistas exclusivas das indústrias cujos fundadores foram imigrantes: indústrias mais novas como Liane, a Staner, e a Regina, que atuam no mercado nacional, por exemplo, não surgiram das iniciativas de imigrantes; seus fundadores são descendentes da segunda e terceira geração de estrangeiros. (DUNDES *apud*, SILVA, 1998, p. 19)

A maior parte das indústrias prudentinas originou-se de um pequeno capital modesto e privado, que foi investido no setor secundário de bens de consumo não-duráveis. Contudo, como essas indústrias surgiram das iniciativas ligadas a agricultura, esta atividade, posteriormente, daria suporte e base para a iniciativa de outras atividades como comércio e pecuária. A influência do imigrante nas atividades industriais prudentinas foi importantíssima para o desenvolvimento desse setor. Seja o imigrante da pequena fábrica ou as empresas de capitais estrangeiros, ambas promoveram o surto do desenvolvimento industrial na cidade.

Como se pode verificar, a origem do capital industrial prudentino adveio da agricultura. Mas segundo Abreu (1972), esse proprietários de pequenas fábricas investiram no setor

secundário em virtude de não terem condições financeiras para adquirir um lote de terras, devido ao alto preço da terra. Contudo, a origem do capital industrial nipo-brasileiro, deu-se pela fusão do capital agrícola e do capital comercial. Essa dinâmica foi diferente das indústrias não-nipônicas de capital local, pelo desejo do imigrante nipônico em constituir a sua unidade fabril no município.

5. CONCLUSÃO

A indústria nipo-brasileira no município de Presidente Prudente iniciou-se na fase considerada **industrialização restringida**, onde o padrão de produção estava voltado para o do mercado nacional e cujo objetivo era promover a industrialização substitutiva de importações. Entretanto, a indústria nipônica local originou-se da fase chamada, **industrialização tímida**, conforme caracterização de Abreu (1972). Para esse autor, as indústrias locais originaram-se de pequenas fábricas, em virtude de não terem condições financeiras de investir na agricultura. Os industriais, segundo a sua ótica investiram no setor secundário (indústrias) na sua maioria por falta de capitais para investir na agricultura, salvo algumas exceções.

No caso da indústria nipo-brasileira foi diferente. Segundo os dados levantados, os fundadores destas indústrias, cujo proprietário era o imigrante japonês, trabalharam na agricultura e, posteriormente, no comércio. O seu principal objetivo era montar o seu próprio negócio. Logo, eles estavam em busca de melhores oportunidades e viram que o trabalho na indústria, especialmente no setor de bebidas e produtos alimentícios era um bom negócio, e por isso investiram nesse segmento e não na agricultura. E também, porque possuíam alguma experiência anterior no setor industrial. Com isso, não tiveram tantas dificuldades em montar a sua indústria. A dificuldade deu-se desde a fundação das empresas com relação às crises econômicas que o país enfrentou. Todavia, concluiu-se que a teoria de Abreu não pode ser aplicada no caso das indústrias nipo-brasileiras antes da década de 50, devido ser o desejo dos industriais de origem japonesa montar a sua própria indústria na cidade.

Em suma, a origem do capital industrial nipo-prudentino deu-se pela fusão do capital agrícola com o capital comercial, que compõem a base da formação e constituição dessas atuais indústrias pesquisadas: Bebidas Astecas, Bebidas Funada, Bebidas Wilson e Sakura Alimentos. Essas indústrias, ainda, são de médio porte, cujo seus fundadores residem em Presidente Prudente. Notou-se que as indústrias tiveram origem de modestos capitais,

das iniciativas e sonhos desses imigrantes em constituírem na cidade o seu próprio negócio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, D. S. **Formação histórica de uma cidade pioneira paulista**: Presidente Prudente. Presidente Prudente: FFCLPP, 1972.

AURELIANO, Liana. No limiar da industrialização. 2.ed. Campinas: Unicamp.IE, 1999.

CANO, W. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil, 1930-1997**. 2ed. Campinas: IE,1998.

DEAN, W. **A industrialização de São Paulo (1880-1945)**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971.

DUNDES, A. C. **O processo de (des)industrialização e o discurso desenvolvimentista em Presidente Prudente**. 1998. 288f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 1998.

ENNES, M. A. **A construção de uma identidade inacabada: nipo-brasileiros no interior de São Paulo**. São Paulo: Unesp, 2001.

FAUSTO, B. **O Brasil republicano**: história geral da civilização brasileira. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertand, 1997.

IANNI, O. **Estado e Capitalismo**. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LEITE, J. F. **A alta sorocabana e o espaço polarizado de Presidente Prudente**. Presidente Prudente: FFCLPP, 1972.

MARX, Karl. **A origem do capital**. Fulgor, p.11, 1964.

PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil**. 17 ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.

SAITO, H. **A presença japonesa no Brasil**: estudo de mobilidade e fixação. São Paulo: USP, 1961.

SANTOS, Antônio Edmundo. **A modernização populacional e a colônia japonesa no município de Martinópolis.** FTC/Unesp. Presidente Prudente. (monografia geografia)

SILVA, F. C. da. **Análise sobre o núcleo industrial de Presidente Prudente (NIPPI):** caracterizando sua atual ocupação. 1997. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Instituição Toledo de Ensino, Presidente Prudente, 1997.

SILVA, S. **Expansão cafeeira e origens da indústria.** 8 ed. São Paulo: Alfa Omega, 1995.

SUZIGAN, W. **Indústria brasileira:** origem e desenvolvimento. São Paulo: Brasiliense, 1986.

TZMRESÁNYI, T. Celso Furtado e o início da industrialização no Brasil. **Revista de Economia política**, v. 22, n. 86, p.3-14, abr.-jun./2002.